



CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: DEBATES NECESSÁRIOS NA ADOLESCÊNCIA

Camila Rocha Cardoso¹
Luciana Aparecida Siqueira Silva²
Elenita Pinheiro de Queiroz Silva³

Resumo

A educação científica tem como propósito principal fazer com que a escola seja mais atuante na disseminação e construção de conhecimentos. No entanto, o modelo de ensino trabalha a ciência de forma isolada sem considerar fatores históricos, filosóficos, culturais e socioeconômicos envolvidos no cotidiano. Problematicamos as concepções sobre corpo e suas relações com o outro e com o meio a partir de relatos de alunas matriculadas no Ensino Médio. Foi possível observar que as adolescentes envolvidas desconheciam aspectos biológicos relativos ao corpo que seriam essenciais para o início do exercício da sexualidade de maneira segura. Destacamos a urgente necessidade de que professores tenham em sua formação oportunidades de compreender aspectos relativos ao corpo além do biológico.

Palavras-chave: Sexualidade. Formação de professores. Alfabetização científica.

Introdução

A educação científica em Ciências e Biologia tem como propósito principal fazer com que a escola seja mais atuante na construção de conhecimentos, a fim de que os indivíduos sejam capazes de refletirem sobre situações de seu cotidiano, uma vez que a partir do conhecimento científico podem compreender a realidade em que vivem (CHASSOT, 2003). Todavia, Shimamoto (2004) afirma que para que isso ocorra será necessário que os/as professores/as direcionem a sua formação no sentido de reconstruírem seus conhecimentos, de modo que se apropriem de um repertório de saberes a serem submetidos a uma revisão crítica. Nesse quesito se inclui o trabalho em Ciências e Biologia com o corpo humano.


É preciso considerar que este corpo estabelece relações com outros corpos, que está ligado a uma cultura, portanto, é necessário levar em conta os aspectos históricos, sociais que interferem na constituição da identidade de cada um/uma, que não é fixa, em suas experiências, sendo que isso está conectado às questões de gênero e sexualidade. No entanto,

¹ Doutoranda em Educação – PPGED-UFU e Docente da Unidade Acadêmica Especial de Educação – UFG/RC, camila.rochacardoso@gmail.com.

² Doutoranda em Educação – PPGED-UFU e Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano-Campus Urutá, luciana.siqueira@ifgoiano.edu.br

³ Doutora em Educação, Professora adjunto 3 da Universidade Federal de Uberlândia, elenita@faced.ufu.br.





o que se percebe é que o modelo de ensino presente nas escolas, trabalha a ciência de forma isolada sem considerar os fatores históricos, filosóficos, culturais e socioeconômicos envolvidos no cotidiano (PAVÃO; FREITAS, 2011).

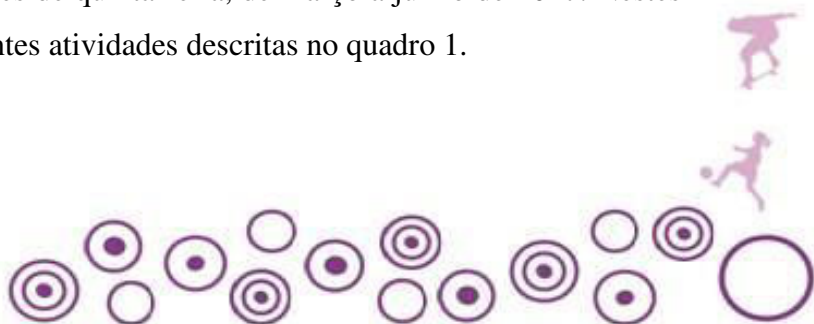
Shimamoto (2004) apresenta as representações sociais de professores/as no que compete ao trabalho com corpo humano nas aulas de Ciências Naturais e aponta que os/as docentes recorrem ao livro didático na tentativa de solucionar suas dificuldades com as metodologias de ensino, limitando os conteúdos, silenciando questionamentos, atendendo a uma perspectiva de racionalizar o corpo humano para atender aos objetivos pedagógicos.

Neste sentido, é relevante perceber e considerar que as práticas pedagógicas, as abordagens que acontecem no trabalho com o corpo, estão imbricadas com a cultura, os valores sociais e históricos que permeiam a escola e seus/as atores/atrizes, e, por assim ser, o silenciamento do entrelaçamento entre corpo e suas experiências de vida – dentre ao quais se destacam as questões que envolvem gênero e sexualidade – demonstram as relações de poder, os padrões que tentam ser fixados a partir de um ensino que evidencia e valoriza a dimensão biológica e uma perspectiva binária de gênero e padrão heterossexual.

Em vista disso é que problematizamos as concepções sobre corpo e suas relações com o outro e com o meio, a partir de relatos de alunas matriculadas no Ensino Médio, a fim de que possamos investigar o que elas compreendem sobre o corpo em seu aspecto biológico e refletir sobre a formação disponível e realizada sobre o entrelaçamento entre corpo, gênero e sexualidade, pensando de que modo isto pode ou não influenciar no entendimento do corpo pautado por uma perspectiva biológica que também é cultural, social, política e histórica.

Descrevendo o projeto

Esse projeto aconteceu no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Campus Urutaí e foi intitulado como “Corpo e prazer: sexualidade feminina na adolescência”, tendo como intuito a promoção de discussões sobre essa temática envolvendo meninas do Ensino Médio. As inscrições para participação abrangeram três cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio. O grupo participante foi formado por onze alunas com idades entre 14 e 17 anos, tendo como mediadoras, uma licencianda em Ciências Biológicas, uma técnica em assuntos educacionais com formação em Psicologia e uma professora de Biologia. Foram realizados dez encontros, nas tardes de quinta-feira, de março a junho de 2017. Nestes momentos foram desenvolvidas as seguintes atividades descritas no quadro 1.



Quadro 1. Cronograma de atividades desenvolvidas no projeto

| Encontro | Abordagem/Discussão da Atividade |
|----------|--|
| 1 | Aplicação de um questionário para avaliar os conhecimentos prévios das adolescentes sobre a sexualidade feminina. |
| 2 | Foi promovida uma discussão acerca dos sistemas reprodutores masculino e feminino com utilização de modelos didáticos em resina. |
| 3 | Abordagem dos diferentes métodos contraceptivos voltando-se à responsabilização pela prevenção de gravidez indesejada. |
| 4 | Discussão acerca das diferentes Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e as principais formas de prevenção e tratamento. |
| 5 | Foram analisadas letras de músicas que são ouvidas pelos/as adolescentes na atualidade com abordagem voltada para as questões que envolvem a sexualidade da mulher. |
| 6 | Estudo do poema “Quero” do autor Carlos Drummond de Andrade com questionamentos voltados aos aspectos relacionados ao desenvolvimento do autoamor entre as adolescentes. |
| 7 | Debate a partir da crônica “Ciúmes” de Luís Fernando Veríssimo. |
| 8 | Abordagem sobre o aborto por meio de um debate a partir do estudo de dois textos, sendo um contra e outro favorável à prática do aborto. |
| 9 | Roda de conversa abordando o assunto de maior interesse por parte das meninas: ciúmes. |
| 10 | As participantes se expressaram por meio de desenhos, além de responderem a um questionário avaliando as etapas do projeto. |

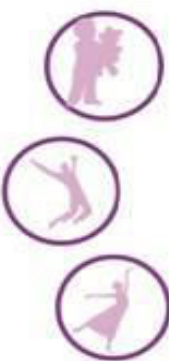
Neste trabalho tomaremos como foco a análise dos dados relativos aos quatro primeiros encontros, para a realização das discussões seguintes, partindo-se das concepções trazidas pelas adolescentes nos questionários. Vale destacar que as estudantes assinaram termo de assentimento e seus responsáveis legais concordaram com a participação das mesmas nas atividades por meio da assinatura do termo de consentimento.

Discussões

Existe uma grande disseminação de informações sobre aspectos que envolvem as questões sobre corpo e sexualidade, principalmente a partir da mídia. Todavia, geralmente, esse conhecimento é permeado por visões generalizadas, superficiais e preconceituosas sobre o corpo. Soma-se a isso o fato de que esses conteúdos quase não são trabalhados com adolescentes e essa pouca informação sobre sexualidade, saúde sexual, pode levá-los a conceitos distorcidos e/ou equivocados (MAROLA; SANCHES; CARDOSO, 2011).

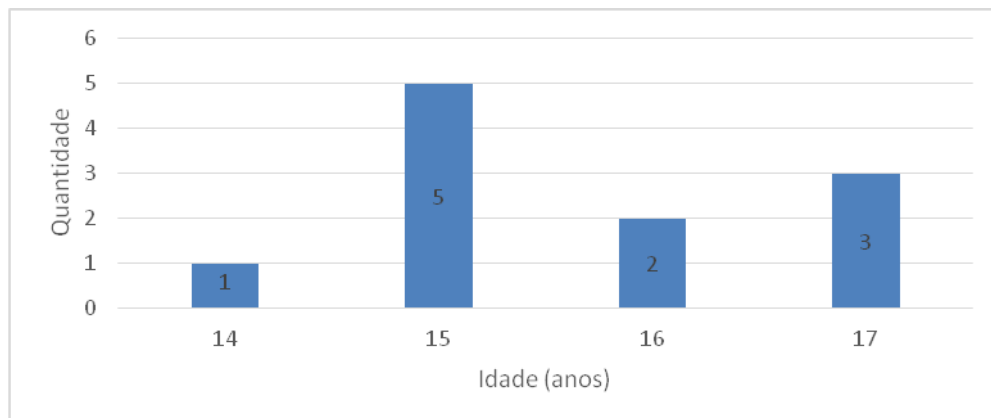
A escassez de formação sobre essa temática também foi encontrada neste estudo, afinal, de onze participantes, nove relataram não terem participado, ao longo de suas vidas escolares, de momentos de formação sobre temas que envolvessem sexualidade. Esse dado





chama atenção, por tratar-se de um grupo de adolescentes cursando o Ensino Médio, com idades variando entre 14 e 17 anos (Figura 1).

Figura 1. *Variação de idade das adolescentes participantes do projeto de ensino*




Fonte: Dados da pesquisa obtidos de acordo com as respostas dos questionários.

Entendemos que o trabalho com sexualidade, especialmente na disciplina escolar Biologia, não pode desconsiderar a dimensão biomédica, mas esta deve ser entendida como produção histórica, implicada em modos de produção particulares de existência, como reitera Foucault (1985) na História da Sexualidade, volume 1 – a vontade de saber. No campo da educação, Silva (2010, 2015a, 2015b) afirma que a produção do conhecimento biológico é também política e cultural. Nesta perspectiva, durante os momentos com as alunas, mais precisamente no segundo encontro, abordamos sobre aspectos fisiológicos do corpo, sobre a reprodução humana e sobre as dimensões sociais e culturais.

Com relação à menstruação, todas as adolescentes reconheceram como um fenômeno biológico relacionado ao organismo determinado cultural e socialmente, como feminino, demonstrando que mitos muito comuns relacionados ao ciclo menstrual, associando o sangramento a algo sujo, impuro ou incapacitante, estão sendo superados pelas novas gerações. Há duas questões nesse posicionamento: a primeira diz respeito à dimensão cultural e social na abordagem da menstruação – algo “sujo”, “impuro” ou “incapacitante”. A segunda, diz respeito ao desconhecimento da produção biológica da maioria das alunas, quanto à nomenclatura e funcionamento do sistema reprodutor feminino.

Existe uma preocupação da escola com a gravidez na adolescência, todavia não percebemos alguma discussão que considere os afetos, vivências de desejos e prazeres pelos/as adolescentes, o que permite que eles/as sejam colocados/as em posição de vulnerabilidade, além de propiciar a multiplicação de preconceitos já instaurados socialmente. Com questões formuladas acerca do período fértil, observamos o quanto a maioria das





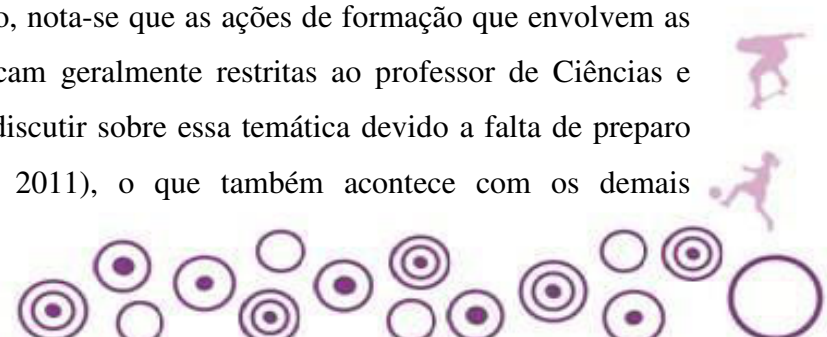
meninas – apenas duas souberam responder - não sabe identificar o período fértil dentro de seus ciclos menstruais o que demonstra ausência de algumas ferramentas que poderiam ter sido ofertadas pelas disciplinas escolares Ciências e Biologia, uma vez que ciclo menstrual é tema deste campo disciplinar.


Ao serem questionadas sobre o método contraceptivo mais eficiente, todas as alunas citaram a pílula anticoncepcional e/ou o preservativo. O que nos chamou a atenção no diálogo com meninas é que o início de suas experiências é permeado por uma série de dúvidas e inquietações. Este é, portanto, um aspecto que não pode a educação científica deixar de debater. Entretanto, é preciso como tem apontado estudos que entremeiam saúde e gênero, como os de Heilborn (1997) e Meyer (2004), que este campo considere as dimensões e práticas históricas, sociais e culturais que produzem corpos femininos.

De onze alunas participantes, oito declararam não terem conversas frequentes sobre sexualidade com pessoas adultas de seu círculo de convivência e no estudo de Marola, Sanches e Cardoso (2011) mais da metade dos jovens que participaram da pesquisa relataram que a formação de conceitos sobre sexualidade acontece muito a partir da influência dos amigos, por terem maior facilidade de comunicação. A dissertação de Parreira (2014) também aponta para os locais onde jovens, estudantes de cursos de Ciências Biológicas, encontram e buscam informações sobre sexualidade. Estas autoras nos permitem pensar que os/as adolescentes vivem muitos conflitos e acabam por incorporar as influências culturais de familiares, da mídia, da religião, dos amigos, enfim, da sociedade o que produz efeitos em suas atitudes, conceitos e comportamentos referentes ao corpo, gênero e sexualidade.

Com a atividade vimos que a família geralmente se nega a discutir sobre sexualidade quando se trata de orientar as meninas, o que geralmente se difere no caso dos meninos, que são encorajados a ser tornar capazes e potentes, enquanto que as garotas são conduzidas a serem passivas, estigma social, cultural e histórico que reflete nos posicionamentos assumidos pelos adolescentes que representam o modo como a sociedade demarca a desigualdade de gêneros (TORRES; BESERRA; BARROSO, 2007).

Assim como encontrado nesse estudo, as autoras supracitadas também confirmaram em sua pesquisa que a escola se nega a assumir, abertamente, o debate do campo da sexualidade, embora ela o realize de modo velado por meio das normas, regras e condutas que impõem aos/as adolescentes. Além disso, nota-se que as ações de formação que envolvem as questões do corpo e da sexualidade ficam geralmente restritas ao professor de Ciências e Biologia, quem nem sempre consegue discutir sobre essa temática devido a falta de preparo (MAROLA; SANCHES; CARDOSO, 2011), o que também acontece com os demais





docentes, que se desobrigam da tarefa de trabalhar o tema por acreditar que a sexualidade está vinculada apenas ao aspecto biológico.

Pereira (2005) aponta que, na academia, praticamente não existem iniciativas para se incluir o debate e a formação sobre temáticas como gênero e sexualidade e esse não é um processo estanque e isolado, mas que deve permear o cotidiano da sala de aula e ser intrínseco aos professores.

Esta experiência permitiu realizar a discussão sobre o corpo, sexualidade e gênero e diante disso nota-se nos relatos das alunas ao fim do projeto, o desejo de que mais oportunidades como essa sejam possíveis além de demonstrar a importância desse tipo de trabalho, quando a discente responde no último questionário que o projeto *“Foi bastante informativo e importante. Aprendi muito em relação a sexualidade, a mulher na sociedade, o machismo, com base em relatos e um bom ensino. Na minha opinião, todas as meninas da escola precisa ouvir mais sobre isso e aprender. Foi muito interessante!”*


Portanto, a formação que contemple o entrelaçamento dos aspectos sobre corpo, gênero e sexualidade é caminho para proteger os/as adolescentes da vulnerabilidade desses indivíduos à gravidez não desejada e/ou não planejada e às Infecções Sexualmente Transmissíveis o que está diretamente ligado às questões de desigualdade de gêneros, uma vez que meninos são encorajados a serem viris e poligâmicos e por isso não usam preservativo, enquanto que as garotas devem se submeter aos desejos masculinos, o que não inclui sugerir o uso desse contraceptivo (TORRES; BESERRA; BARROSO, 2007).

Considerações Finais

Foi possível observar que as adolescentes envolvidas nas atividades aqui descritas, apesar de já terem frequentado a escola por, no mínimo nove anos, desconheciam aspectos biológicos relativos ao corpo, que seriam essenciais para o início do exercício da sexualidade de maneira segura, e também a elas não foi oportunizado ensinamentos entrelaçando biologia, sociedade e cultura. Admitimos que o ensino sobre o corpo deve romper as barreiras anatômicas e fisiológicas, de modo a apontar para o entrelaçamento político, social e cultural do corpo, do gênero e da sexualidade. No entanto, não podemos negar a importância do conhecimento dos aspectos biológicos no sentido de que o/a adolescente se (re)conheça e, a partir de então, possa viver seus desejos e prazeres, seu corpo, de forma a evitar situações violentas consigo mesmo e na relação com o outro/a.

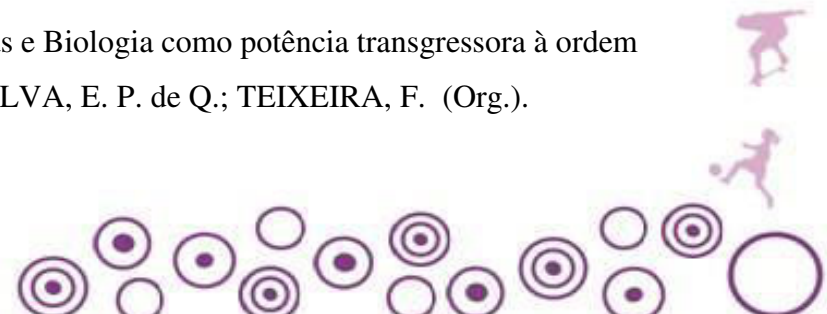
A partir de relatos das adolescentes após o desenvolvimento das atividades, notamos que as discussões envolvendo corpo, gênero e sexualidade tiveram lugar de destaque em sua





formação, já que alegam não terem conversas sobre sexualidade com as pessoas adultas de seus círculos de convivência familiar. Sobre esse aspecto, o papel do/a professor/a de Biologia merece destaque, como sendo o/a profissional tido como aquele/a que pode abordar temas que envolvem o corpo com as/os adolescentes, destacando que é importante que a escola e os demais professores entendam que o trabalho é de todos/as e deve ser inerente ao cotidiano escolar. Vale então ressaltar a urgente necessidade de que esses profissionais tenham em sua formação docente oportunidades de compreender aspectos relativos ao corpo, ao gênero e à sexualidade para além do aspecto biológico.

Referências

- CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 22, p. 89-100, 2003.
- FOUCAULT, M.. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- HEILBORN, M. L. **Gênero, Sexualidade e Saúde**. In: Saúde, Sexualidade e Reprodução compartilhando responsabilidades. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1997. p. 101-110.
- PAVÃO, A. C.; FREITAS, D. (Org.). **Quanta ciência há no ensino de ciências**. São Carlos: EdUFSCar, 2011.
- MAROLA, C. A. G.; SANCHES, C. S. M.; CARDOSO, L. M. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. **Psic. da Ed.**, São Paulo, v. 33, p. 95-118, 2. sem. 2011,
- MEYER, D.; SOARES, R. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In: MEYER, D.; SOARES, R. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 5-16.
- PEREIRA, M. R. A. **Nas malhas da diferença: nuanças de gênero na educação de crianças**. Uberlândia: Edufu, 2005.
- SHIMAMOTO, D. F. **As representações sociais dos professores sobre corpo humano e suas repercussões no ensino de ciências naturais**. Tese (Doutorado). São Carlos: UFSCar, 2004
- SILVA, E. P. de Q. Corpo e sexualidade: experiências em salas de aula de ciências. **Revista Periódicus**, 2. ed. 2014/abr. 2015a.
- SILVA, E. P. Q.. Territórios das Ciências e Biologia como potência transgressora à ordem dos gêneros. In: RIBEIRO, P. R. C.; ; SILVA, E. P. de Q.; TEIXEIRA, F. (Org.).
- 



Atravessamentos de gênero, corpos e sexualidades: linguagens, apelos, desejos, possibilidades e desafios.... Rio Grande: Editora da FURG, 2015b. v. 1, p. 197-218.

TORRES, C. A.; BESERRA, E. P.; BARROSO, M. G. T. Relações de gênero e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis: percepções sobre a sexualidade dos adolescentes. **Esc Anna Nery R Enferm**, v. 11, n. 2, p. 296 - 302, jun. 2007





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

